



Conservação de Aves Estepárias

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS EM PLANÍCIES CEREALÍFERAS



PROJETO LIFE ESTEPÁRIAS

Conservação da Abetarda, Sisão e Peneireiro-das-torres nas estepes cerealíferas do Baixo Alentejo
[www.lifeesteparias.lpn.pt]

CONSERVAÇÃO DE AVES ESTEPÁRIAS

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS EM PLANÍCIES CEREALÍFERAS

Projeto LIFE Estepárias

Conservação da Abetarda, Sisão e Peneireiro-das-torres
nas estepes cerealíferas do Baixo Alentejo

LIFE07NAT/P/654

[www.lifeesteparias.lpn.pt]

A sobrevivência das aves estepárias está, em grande parte, dependente dos agricultores manterem práticas agrícolas que sejam favoráveis à sua conservação. Este manual pretende contribuir para uma gestão harmoniosa da convivência quotidiana e estreita entre agricultura e natureza, compilando e resumindo a informação sobre as Boas Práticas que maximizam uma proteção das aves estepárias compatível com a atividade agrícola.

Ficha técnica

Coordenação da Edição: Rita Alcazar, Liliana Barosa, Hugo Lousa & Beatriz Estanque

Contribuições: Ana Rita Lampreia (Associação de Agricultores do Campo Branco), João Madeira (Associação de Criadores de Ovinos do Sul), Sónia Fragoso (LPN) e Cátia Marques (LPN)

Fotografias: LPN, João T. Tavares / GOBIUS (pp. 4), Ivan Vásquez (pp. 10, 14), RIAS (pp. 21 em cima), Shutterstock (pp. 1)

Ilustrações: Marcos Oliveira (aguarela a cores), Helena Passos (tinta, a preto e branco), Pedro Fernandes (grafite), Rui Constantino (modelos 3D)

Design gráfico: Gobius Comunicação e Ciência

ISBN: 978-989-97278-3-0

Depósito Legal: 366590/13

Impressão: Gráfica Comercial

Edição: LPN – Liga para a Proteção da Natureza (2012)

Natura 2000 – *A Natureza da Europa para ti! Este projeto foi implementado na Rede Natura 2000 Europeia. Foi selecionado porque inclui algumas das espécies e habitats mais ameaçados da Europa. Todos os 27 países na União Europeia estão a trabalhar em conjunto na Rede Natura 2000 de modo a proteger a herança natural da Europa, diversa e rica, para o benefício de todos.*

Impresso sobre papel 100% reciclado, inteiramente proveniente de resíduos pós-consumo, através de processos totalmente isentos de cloro e não procedente de bosques primários.



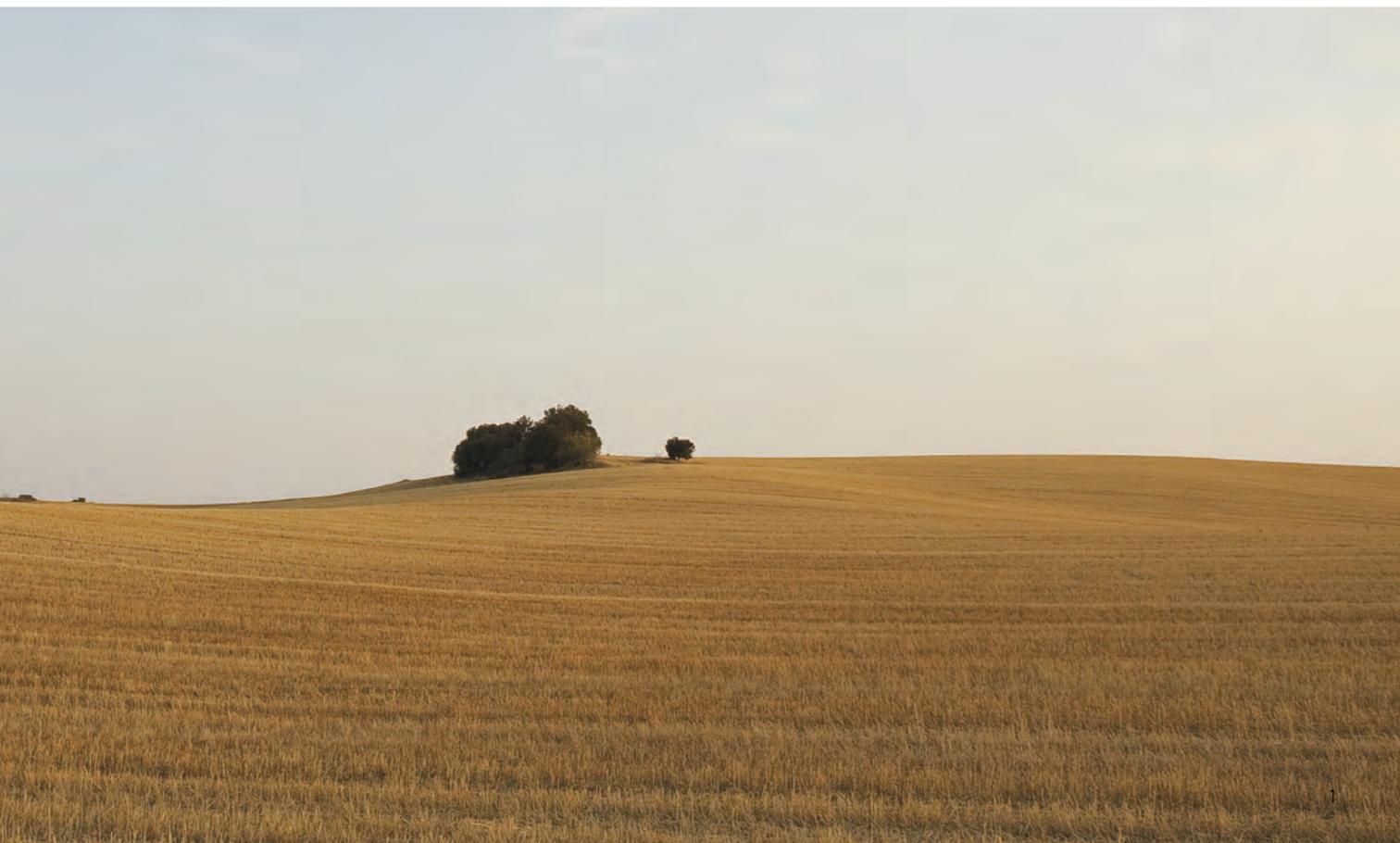


O Projeto LIFE Estepárias pretende contribuir para a **conservação a longo prazo da avifauna estepária no Baixo Alentejo**, através de medidas dirigidas a três **espécies ameaçadas de extinção: a Abetarda, o Sisão e o Peneireiro-das-torres**. Estas aves são extremamente sensíveis às alterações das práticas agrícolas que, num passado recente, conduziram à perda e fragmentação do seu habitat por toda a Europa.

A área de intervenção do Projeto LIFE Estepárias são quatro Zonas de Proteção Especial (ZPE) do Baixo Alentejo: Castro Verde, Piçarras, Vale do Guadiana e Mourão/Moura/Barrancos. Estas ZPE integram a Rede Natura 2000, que constitui a Rede Europeia de Espaços Naturais. No entanto, apesar das Boas Práticas agrícolas e cinegéticas serem de especial relevância nesta rede de espaços naturais, a sua aplicação é igualmente importante em todas as áreas de ocorrência destas espécies.

As estepes caracterizam-se por serem paisagens com um relevo suave dominado por planícies, onde predomina uma vegetação herbácea e a ausência de árvores.

Em Portugal não existem verdadeiras estepes, mas a centenária agricultura extensiva, caracterizada pela rotação entre culturas de cereal de sequeiro (trigo e aveia) e pousios (pastagens), moldou um habitat com características semelhantes, localizado essencialmente nas planícies alentejanas, ao qual se chama **pseudo-estepe, planície cerealífera** ou **estepe cerealífera**. Este sistema agrícola proporciona um mosaico de habitats ao longo do ano (searas, restolhos, pousios e campos de leguminosas), essencial para diversas espécies que se adaptaram a este habitat e fazem assim parte de um ecossistema dependente da manutenção da atividade agrícola extensiva.



A Abetarda (*Otis tarda*), o Sisão (*Tetrax tetrax*) e o Peneireiro-das-torres ou Francelho (*Falco naumanni*) são três das espécies consideradas como aves “estepárias” e funcionam como espécies bandeira para a conservação deste ecossistema único. O grupo das aves estepárias inclui também o Rolieiro (*Coracias garrulus*), o Tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), a Calhandra-real (*Melanocorypha calandra*) e o Cortiçol-de-barriga-negra (*Pterocles orientalis*), entre outras.

A comunidade de aves estepárias partilha entre si adaptações morfológicas, fisiológicas, ecológicas e comportamentais a estes ambientes, que podem ser tão inóspitos, desabrigados e até hostis.

Todas as aves estepárias têm em comum a dependência deste habitat em termos de alimentação, pois aqui encontram em abundância sementes, rebentos de plantas e insetos que compõem a sua dieta.

No entanto, diferem na forma como se reproduzem, pois enquanto umas espécies fazem os seus ninhos no solo e têm, por isso, uma plumagem discreta e críptica que se confunde facilmente com os tons pardos da vegetação, outras utilizam cavidades existentes em árvores, edifícios, afloramentos rochosos ou marouços de pedras para nidificar.

Regra geral, as aves que nidificam no solo têm as patas compridas, adaptadas para caminhar enquanto se alimentam, e formam bandos, sobretudo no inverno, que lhes permitem ter uma maior proteção contra predadores. Apesar dos tons discretos da plumagem, nalgumas espécies os machos têm plumagens mais vistosas para exibirem em admiráveis paradas nupciais.



	Abetarda (<i>Otis tarda</i>)	Sisão (<i>Tetrax tetrax</i>)	Peneireiro-das-torres (<i>Falco naumanni</i>)
ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO	EM PERIGO	VULNERÁVEL	VULNERÁVEL
DESCRIÇÃO	Ave terrestre de grande porte. Apresenta dimorfismo sexual acentuado, sendo os machos maiores e mais pesados (podem atingir os 16kg)	Ave de médio porte (as fêmeas são ligeiramente mais pequenas que os machos). Os machos têm a cabeça acinzentada e um colar preto e branco no pescoço (na primavera). As fêmeas são mais pardacentas e os juvenis são semelhantes às fêmeas.	Pequeno falcão migratório com asas estreitas, longas e pontiagudas. Verifica-se dimorfismo sexual na espécie, tanto ao nível da plumagem (os machos apresentam tonalidade cinza na cabeça e cauda) como de tamanho (as fêmeas são ligeiramente maiores).
ALIMENTAÇÃO	Plantas verdes espontâneas, sementes e invertebrados. Insetos durante a fase de crescimento dos juvenis.	Insetos durante a fase de crescimento dos juvenis.	Insetos (principalmente), pequenos mamíferos, aves, répteis e anfíbios.
REPRODUÇÃO	Ocorre entre finais de março e junho; os machos usam áreas específicas para as paradas nupciais; as áreas de nidificação são searas ou pousios altos; são colocados 2 a 3 ovos no solo; as crias eclodem passados 21 a 28 dias de incubação, são nidífugas (abandonam o ninho pouco tempo após nascerem, seguindo a progenitora) e alimentam-se de insetos.	Inicia-se no final do mês de março; os machos estabelecem territórios em pousios e pastagens onde fazem a parada nupcial que envolve um chamamento e um salto com o bater de asas; a área de nidificação é em pastagens com vegetação alta; são colocados 3 a 4 ovos diretamente no chão, entre a vegetação; após 22 dias, as crias eclodem e são nidífugas; durante as primeiras semanas de vida, têm uma dieta exclusivamente de insetos.	Nidificam em cavidades de estruturas construídas pelo Homem (montes antigos, castelos, igrejas, etc.), formando colónias que podem chegar aos 500 casais; o casal permanece junto ao longo da época reprodutora e partilha as tarefas relativas à nidificação; as ninhadas têm entre 3 e 5 ovos e as crias são dependentes dos progenitores depois de nascerem, só atingindo a capacidade de voo com cerca de 6 semanas.

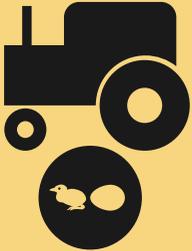


Perda e Fragmentação de habitat



- ☞ Transformação da agricultura de sequeiro em regadio ou culturas permanentes (olival, vinha)
- ☞ Florestação das terras agrícolas
- ☞ Abandono do meio rural, com aparecimento de matos
- ☞ Desaparecimento de cavidades de nidificação
- ☞ Pressão humana (estradas, barragens, etc.)
- ☞ Desaparecimento de pousios

Degradação do habitat



- ☞ Aumento do corte de fenos na época de nidificação
- ☞ Sobrepastoreio
- ☞ Mecanização agrícola
- ☞ Utilização de agroquímicos
- ☞ Perturbação humana

Impacte das vedações



- ☞ Colisão com a fiada de arame farpado
- ☞ Efeito barreira

Impacte das linhas elétricas



- ☞ Colisão com as linhas de média e alta tensão
- ☞ Eletrocussão nos apoios

Outros



- ☞ Predação (por animais selvagens e domésticos)
- ☞ Pilhagem de ninhos
- ☞ Alterações climáticas

Desde 1980, as alterações na agricultura na Europa provocaram um decréscimo de 30% nas populações de aves dependentes dos meios agrícolas. Esta situação é mais acentuada nos países do Norte da Europa, onde os sistemas agropecuários são mais intensivos.

Em Portugal, cerca de 21% do território está classificado como Rede Natura 2000 e em mais de 90% desta área existe um elevado grau de associação entre os valores naturais a preservar e o tipo de gestão agrícola e florestal praticada. No interior alentejano, as explorações agrícolas são de grande dimensão e a agricultura extensiva de sequeiro é o uso dominante do solo, com a produção orientada para a pecuária e para os cereais.

A fauna associada a estes sistemas agrícolas é, em muitos casos, abundante e diversificada, incluindo espécies especialistas que não ocorrem noutros habitats, como é o caso de aves estepárias como a Abetarda e do Sisão. Estas espécies estão associadas aos próprios campos agrícolas, como searas, terrenos lavrados, pousios e pastagens. Como estão estritamente dependentes destes agroecossistemas, são muito vulneráveis às alterações das práticas agrícolas.

Entre as aves que nidificam nestes meios agrícolas existem algumas que fazem os seus ninhos no solo em pequenas depressões no chão entre a vegetação. Regra geral são muito desprotegidos pois apenas têm a vegetação herbácea envolvente para os abrigar e camuflar. São, por isso, muito vulneráveis à predação, tanto de animais selvagens como domésticos (cães e

gatos). No entanto, a sua camuflagem torna difícil a localização por pessoas, o que tem a vantagem de minimizar a perturbação e a pilhagem mas a desvantagem de ficarem mais vulneráveis à destruição durante os trabalhos com maquinaria agrícola ou ao pisoteio pelo gado.

Na Europa, a conservação das aves estepárias está estreitamente dependente de uma intervenção humana que mantenha estes ecossistemas e, como tal, é necessária a colaboração conjunta de agricultores, caçadores, cientistas, decisores políticos e público

em geral, para que se consiga inverter a tendência de declínio que a maioria destas espécies enfrenta.

A agricultura desempenha, portanto, um papel crucial na conservação das aves estepárias pois permite assegurar o estado de conservação favorável do habitat de reprodução e de alimentação destas aves ameaçadas.

Os agricultores são um dos principais gestores do território e no seu quotidiano desempenham um papel essencial na conservação destas espécies. Ao efetuar uma gestão agrícola que contribui para a proteção da biodiversidade, o agricultor está a prestar um serviço público que beneficia toda a sociedade. Só com o envolvimento de agricultores e proprietários será possível garantir a conservação a longo prazo destas emblemáticas aves das nossas planícies.

Com este Manual de Boas Práticas pretende-se divulgar as medidas de gestão que permitem compatibilizar a atividade agrícola com a proteção das aves estepárias.





As estepes cerealíferas são habitats que resultaram da intervenção humana direta ao longo de séculos e, como tal, a sua existência depende da manutenção das práticas agrícolas tradicionais. Muitas áreas do Baixo Alentejo, onde outrora se faziam cultivos de sequeiro, estão agora ocupadas com olivais intensivos, vinhas ou com culturas anuais de regadio.

Estas alterações são a principal causa de desaparecimento do habitat das aves estepárias, que dependem do mosaico criado pela rotação das culturas arvenses de sequeiro (searas de trigo, aveia e cevada) com os pousios (pastagens). Uma das principais ameaças às espécies estepárias é, assim, o desaparecimento de áreas de nidificação e de alimentação, através da conversão de usos agrícolas. Como as aves estepárias são consideradas “especialistas”, estão estritamente dependentes do habitat extensivo de sequeiro, não conseguindo adaptar-se e sobreviver caso se verifiquem mudanças significativas no habitat.

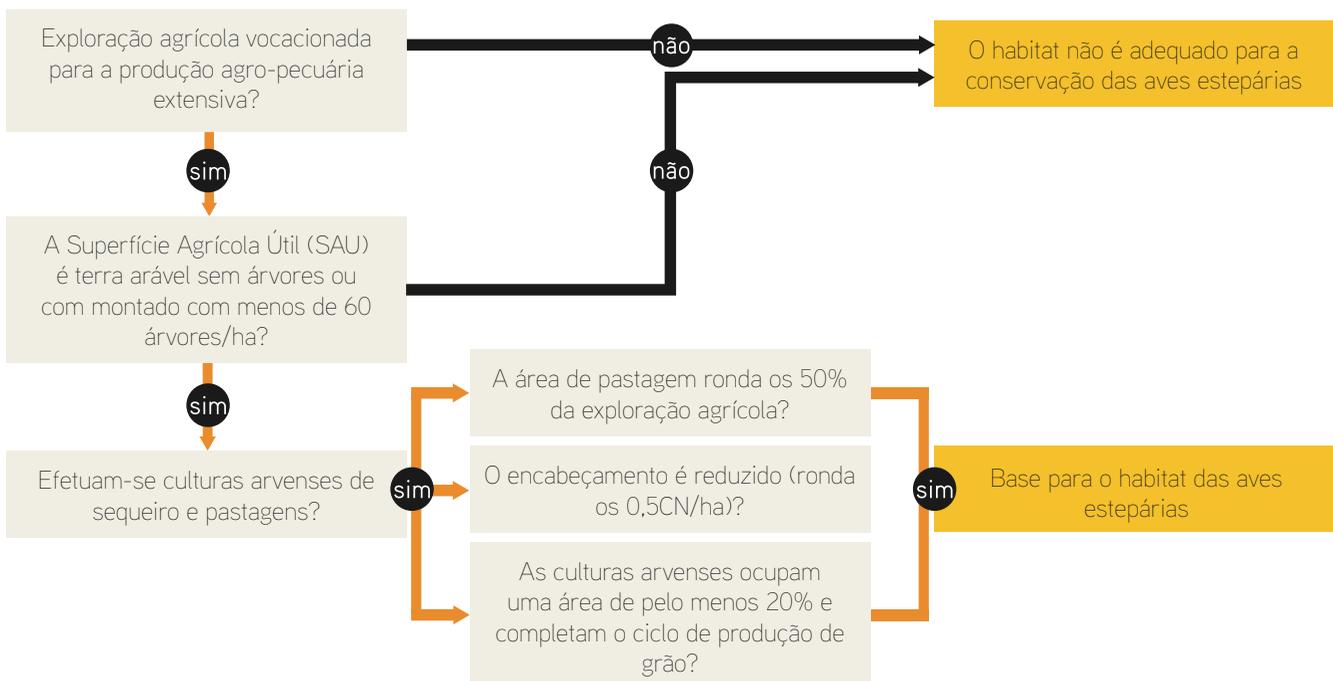
No Programa de Desenvolvimento Rural (PRODER), da Política

Agrícola Comum (PAC) da União Europeia, **existem Medidas Agroambientais que apoiam os agricultores no desenvolvimento de uma gestão favorável às aves estepárias**. Na ZPE de Castro Verde, estas medidas tiveram início em 1995 com o Plano Zonal de Castro Verde, cuja continuidade foi assegurada no período entre 2007 e 2013 pela Intervenção Territorial Integrada (ITI) de Castro Verde, inserida no PRODER.

Para as ZPE de Mourão/Moura/Barrancos, Piçarras, Vale do Guadiana, Cuba, Reguengos, Campo Maior, Vila Fernando, Veiros, S. Vicente, Planícies de Évora e Monforte também existem Medidas Agroambientais para a conservação do habitat estepário na ITI das Áreas de Rede Natura 2000 do Alentejo.

Nestas duas ITI existe a Medida Agroambiental “Manutenção de Rotação de sequeiro do cereal-pousio” que inclui as principais orientações de gestão agrícola que contribuem decisivamente para assegurar o estado de conservação favorável do habitat das aves estepárias.

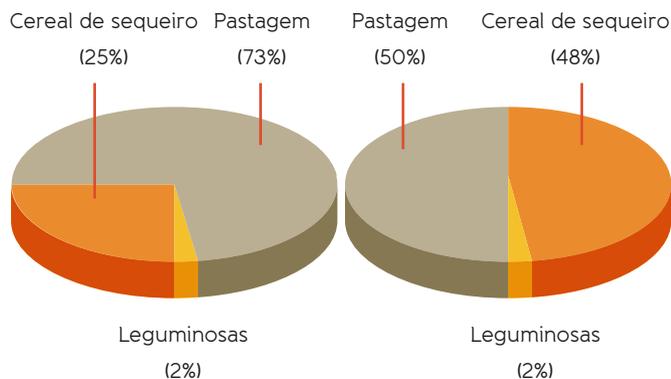
👉 Chave de decisão para a gestão agrícola favorável para a conservação das aves estepárias





Algumas das Boas Práticas a utilizar nas explorações agrícolas que poderão contribuir para a preservação do habitat das aves estepárias são:

I. As áreas de cereal de sequeiro são os locais selecionados para a reprodução de algumas espécies como o Tartaranhão-caçador. Já a Abetarda e o Sisão preferem as zonas de pousio, sobretudo se a vegetação tiver entre 10 e 30cm de altura, embora possam também usar as searas para nidificarem. As searas são especialmente importantes para a nidificação em anos secos, pois a estrutura da vegetação nas pastagens não é tão adequada e não dá abrigo suficiente às aves. As áreas de pousio têm grandes densidades de insetos, que são o principal alimento das aves durante a época de reprodução. **Assim, é importante utilizar métodos de rotação tradicionais, mantendo a rotação cereal-pousio.** A área cultivada com **cereal de sequeiro deverá ocupar pelo menos 20% da área da exploração e a área de pousio deverá ter pelo menos 50%.** Deverá manter-se **uma área com pelo menos 2% da superfície agrícola com culturas para a fauna selvagem**, nomeadamente leguminosas de primavera como a ervilha, ervilhaca, luzerna, feijão-frade ou grão-de-bico (na proporção de 1ha por cada 50ha de exploração).



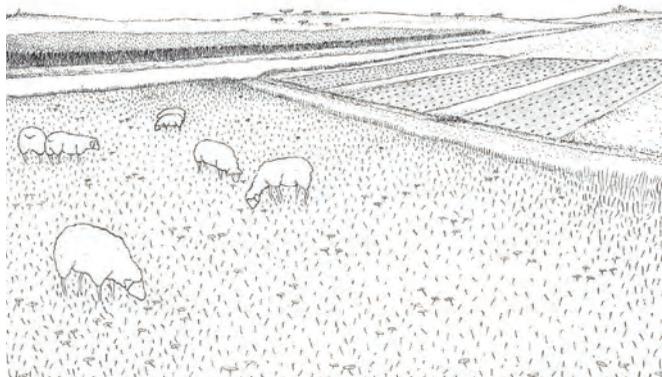
Exemplo de possíveis rotações que podem ser efetuadas, variando as proporções de cereal de sequeiro e de pastagens.

II. Como as searas são importantes para as aves, quer como local de nidificação (sobretudo em anos secos) quer como local de alimentação, é necessário que **uma proporção da área semeada com cereal praganoso de sequeiro seja conduzida até ao final do ciclo vegetativo (pelo menos 75%).**

III. Os fenos são normalmente cortados nos meses de abril e maio, consoante as condições climáticas. Estes meses correspondem ao período de incubação e nascimento das crias da maior parte das aves que nidificam no solo, pelo que o corte para fenos pode significar a perda de muitos ninhos e de juvenis. **Como muitas espécies nidificam nas pastagens, é muito importante evitar fazer fenos nestas áreas, sendo preferível que sejam efetuados em áreas semeadas para esse fim.**

IV. Nas áreas de cereal deve procurar-se **fazer o corte para silagem e para fenos antes do início da época de reprodução (até 15 de março).** Caso se efetue o corte para fenos após 15 de março, deve optar-se por **fenar apenas uma proporção (idealmente inferior a 25% da área semeada).**

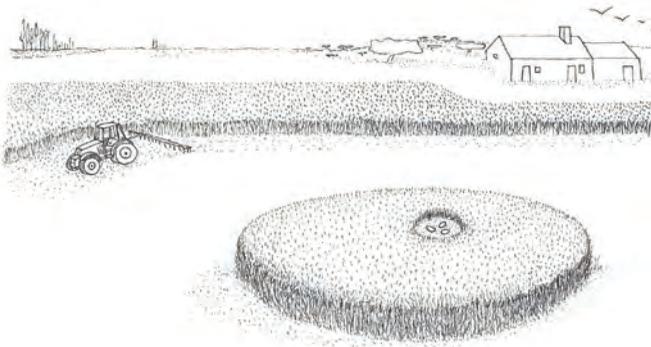
V. As áreas de leguminosas, sendo a ervilha e o grão-de-bico as espécies mais comuns, **são também benéficas para as aves estepárias e para melhorar as condições do solo.** A área total de leguminosas não deve, no entanto, exceder os 20% da área total semeada.



Métodos tradicionais de rotação de culturas arvenses de sequeiro com pousios.

VI. Os trabalhos com maquinaria agrícola, como as mobilizações do solo, tratamentos, mondas, fenos e ceifas têm um grande impacto nas aves que nidificam no solo, pois podem destruir os seus ninhos ou atropelar os juvenis. **Os trabalhos agrícolas com maquinaria agrícola**, nomeadamente mobilizações do solo, tanto em pousios como em áreas semeadas, **devem ser efetuados fora da época de reprodução**, ou seja, **antes de 15 de março e após 15 de junho**.

VII. A ceifa e a debulha dos cereais de outono-inverno **devem ser efetuadas após a época de reprodução ter terminado**, ou seja, **após 15 de junho**.



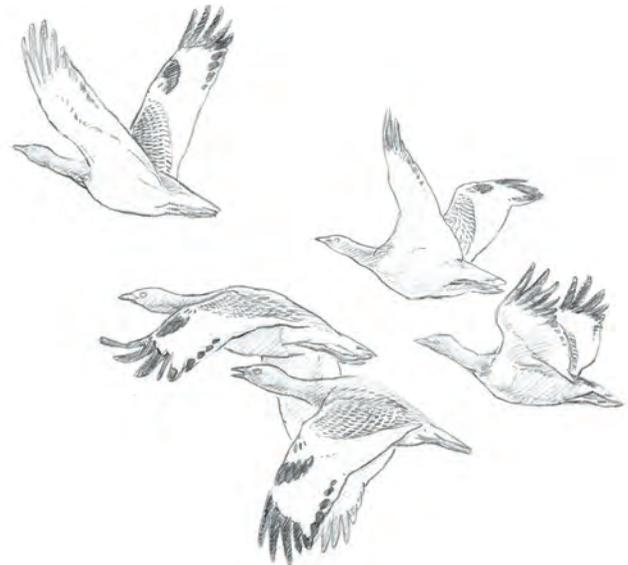
Se encontrar ninhos deixe uma faixa de 10m de raio ao seu redor e evite a perturbação do local.

VIII. Caso efetue trabalhos agrícolas durante a época de reprodução, **esteja atento à possibilidade de encontrar ninhos ou crias pequenas**. Se encontrar ninhos procure deixar uma faixa em redor do mesmo, com cerca de 10m de raio, e evite a perturbação do local, pois a progenitora poderá voltar caso as condições de sossego sejam adequadas. Se encontrar crias, procure colocá-las num local próximo mas seguro onde a progenitora as possa encontrar novamente.

Se encontrar uma ave ferida entre de imediato em contato com as entidades competentes para que essa seja encaminhada para um centro de recuperação de fauna selvagem ([ver capítulo "Recuperação de aves feridas e debilitadas"](#)).

IX. Os herbicidas e pesticidas afetam as presas e podem intoxicar diretamente as aves, pelo que se **deve evitar a sua utilização**.

X. Os **restolhos** são importantes áreas de alimentação das aves, pelo que deverão ser mantidos, **não sendo queimados**.



Os trabalhos com maquinaria agrícola podem ter um grande impacto nas aves que nidificam no solo, destruindo os seus ninhos ou atropelando os juvenis.



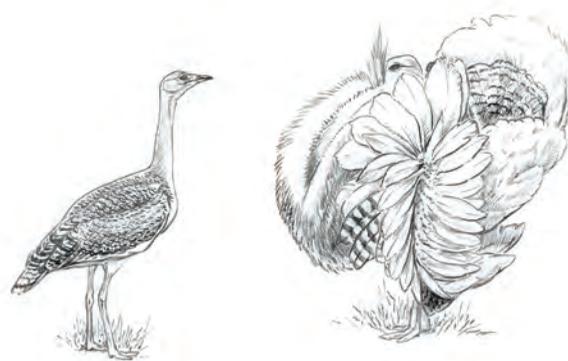
XI. As margens das linhas de água (mesmo das zonas de escorrência temporárias) albergam muitos insetos, que são o alimento para diversas espécies de aves (nomeadamente os grilos-ralos, que são uma importante presa dos Peneireiros-das-torres durante a fase de incubação). A **proteção das margens das linhas de água, evitando a mobilização do solo e sementeira numa faixa de pelo menos 2m nestas zonas**, irá contribuir para prevenir a erosão do solo e promover a abundância de insetos, que serão presas essenciais para as aves.



Proteger as linhas de água previne a erosão do solo e promove a abundância de alimento para as aves.

XII. Deixar faixas não cultivadas entre parcelas semeadas, favorecendo a diversidade de plantas espontâneas onde ocorre uma maior variedade de presas.

XIII. Nas áreas com montado, deixar a área debaixo da copa das árvores sem mobilização, de forma a garantir uma menor perturbação nas raízes que possa causar danos às árvores.



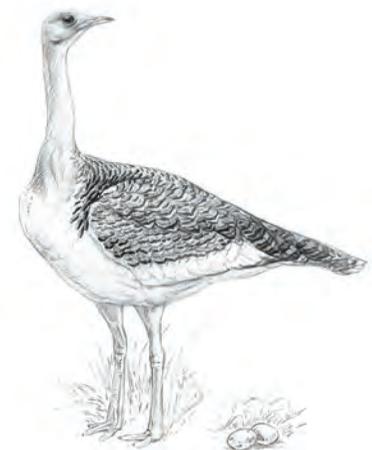
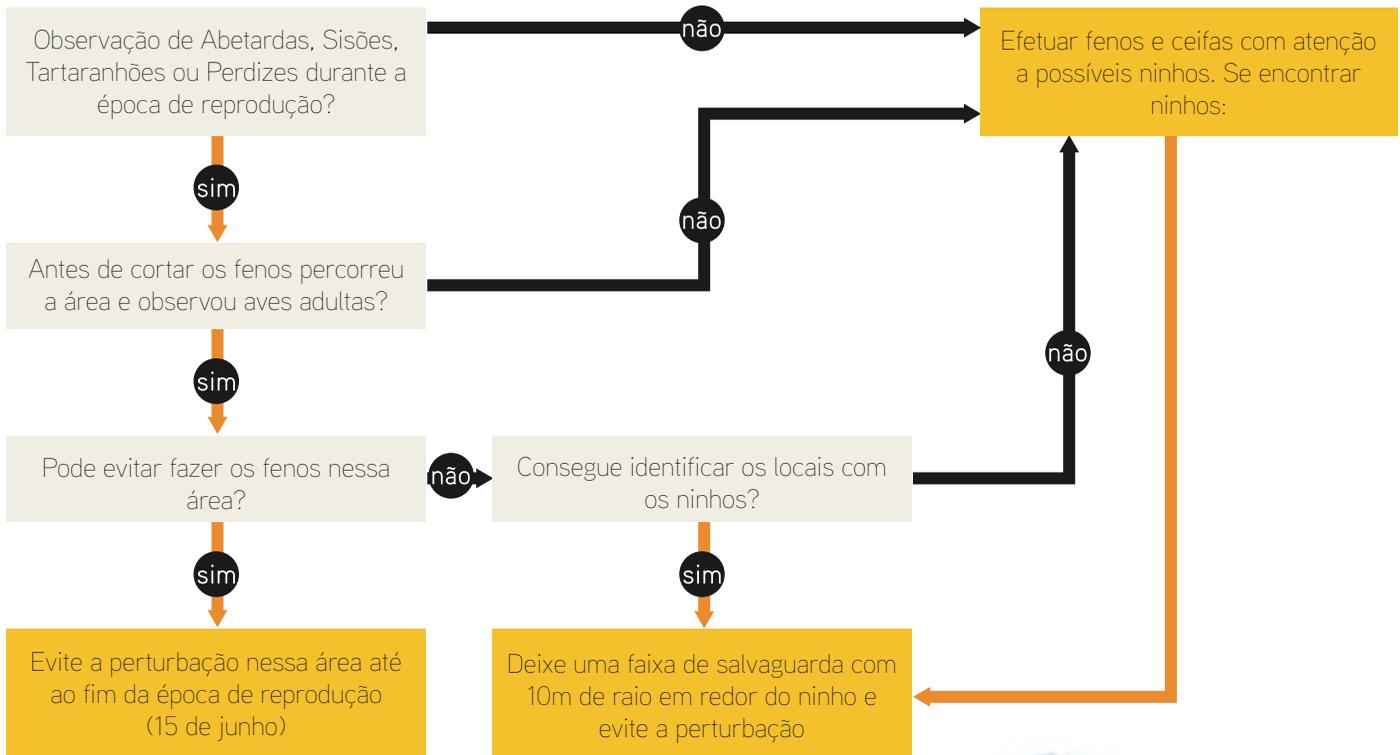
Fêmea de Abetarda observando um macho em parada nupcial (corte).

Cronograma do ciclo de vida das aves das estepes cerealíferas

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Abetarda			Corte	Incubação	Juvenis não voadores			Juvenis voadores que acompanham a progenitora				
Sisão			Corte	Incubação	Juvenis							
Perdiz-vermelha e Codorniz				Incubação	Juvenis							



Chave de decisão para proteção de ninhos de aves estepárias em campos de cereal





I. Como as áreas de pousio são locais preferenciais para a reprodução das aves estepárias, deverá evitar-se a mobilização e o corte durante o período de nidificação (15 de março a 15 de junho).

II. Para minimizar a perturbação nos ninhos, assegurar a existência de áreas de pousio sem pastoreio durante a época de reprodução (15 de janeiro a 15 de junho), em pelo menos 10% da área exploração.

III. Como a estrutura da vegetação nas áreas de pousio é muito importante para criar as condições de abrigo adequadas e para fomentar a existência de presas (sobretudo insetos), **dever-se-á manter um encabeçamento de gado baixo** (preferencialmente inferior a 0,5CN/ha, podendo variar de região para região).



Abetarda em pousio utilizado como pastagem.

 Cronograma com a calendarização das operações agrícolas tendo em consideração os requisitos biológicos das aves

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Trabalhos com maquinaria agrícola	█						█					
Mobilizações do solo	█						Apenas aceiros da rede de prevenção de incêndios		█			
Ceifas							█					
Parques sem pastoreio	█											
Cortes para feno*			█			█						

*fora deste período deve evitar-se o corte para fenos na totalidade da área semeada.

As vedações utilizadas para conter o gado e delimitar parcelas, apesar de atualmente serem necessárias na gestão agrícola, são prejudiciais para as aves estepárias, pois funcionam como um obstáculo à sua circulação, tanto em voo como no solo.

Em determinadas áreas, é comum as aves colidirem com as vedações, o que leva a ferimentos muitas vezes mortais, sobretudo quando existe arame farpado. A reduzida capacidade de visão frontal das aves estepárias aliado ao fato dos arames serem pouco visíveis podem contribuir para agravar este problema.

Por outro lado, as vedações limitam a passagem das aves estepárias que se deslocam caminhando no solo, como a Abetarda. Uma vedação pode ser um obstáculo praticamente intransponível para as crias que ainda não conseguem voar e que se vêem separadas das progenitoras, ficando vulneráveis a predadores e com o acesso condicionado à água e às zonas com alimento.

A colocação de uma vedação numa área de parada nupcial de Abetarda pode impossibilitar as exibições dos machos para atrair as fêmeas e as “lutas” quando estes estão a estabelecer hierarquias sociais. Uma vedação nova numa área de parada nupcial pode, assim, fragmentar a disponibilidade de habitat e provocar o desaparecimento da espécie desse local.



A colisão com vedações com arame farpado pode causar ferimentos mortais.

As medidas de melhoramento para minimizar o impacto das vedações nas aves são:

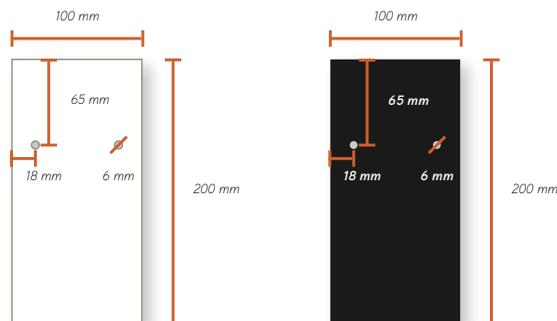
I. Em áreas de parada nupcial de Abetarda deve evitar-se a colocação de novas vedações de arame. As vedações de fio elétrico podem ser uma opção fiável, com um custo mais reduzido e com a vantagem de serem facilmente amovíveis.

II. O arame farpado é a principal causa dos ferimentos nas aves, pelo que se deve evitar a sua colocação. Em caso de ser necessário colocar **arame farpado, deverá colocar-se apenas uma fiada a acompanhar o limite superior da rede ovelheira**, evitando colocar-se o arame farpado distanciado da rede. O compasso das farpas deve ser também o mais espaçado possível.

III. As áreas cercadas deverão ser superiores a 15ha, exceto se forem currais, se estiverem junto das áreas sociais da exploração ou de estradas.

IV. A vedação deve ter uma altura máxima de 1,20m (em média).

V. Para aumentar a visibilidade das vedações, estas devem ser sinalizadas, colocando placas de PVC brancas e pretas



Placas de PVC brancas e pretas e respectivas dimensões, e exemplo de aplicação em vedação.

alternadamente na fiada superior de arame e o topo dos postes de madeira deverão ser pintados de branco. Para minimizar a resistência ao vento das placas de PVC, estas devem ser furadas, e devem ser reforçados os pontos de fixação nos paus.

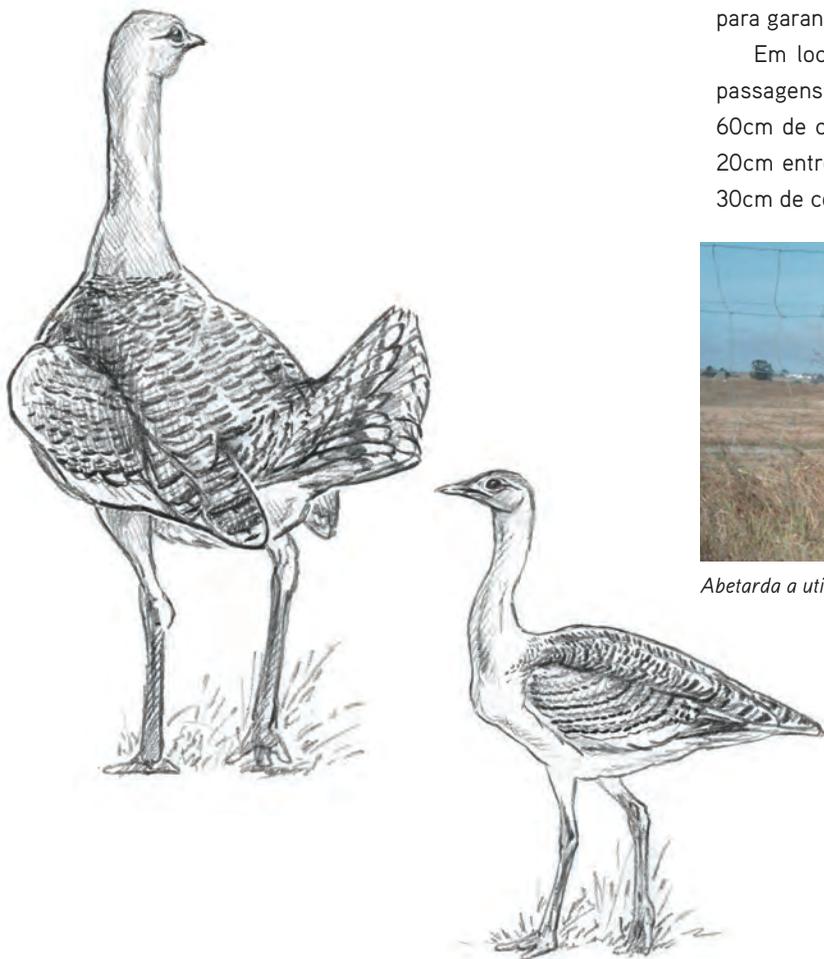
VI. O acesso a charcas, pegos e pequenas barragens deverá manter-se livre, sem o acesso vedado. Em zonas com gado, sobretudo se for gado bovino cujo abeberamento pode deteriorar a qualidade da água, existe maior probabilidade dos pontos de abeberamento estarem vedados, pelo que se recomenda a colocação de passagens para a fauna.

VII. Para permitir a passagem da Abetarda, as vedações com rede ovelheira devem ter passagens inferiores para a fauna, pelo menos em cada 150 metros.

Os cantos das vedações são locais importantes para a colocação de passagens. De igual modo, os portões deverão ter também espaçamento suficiente para permitir a passagem da fauna.

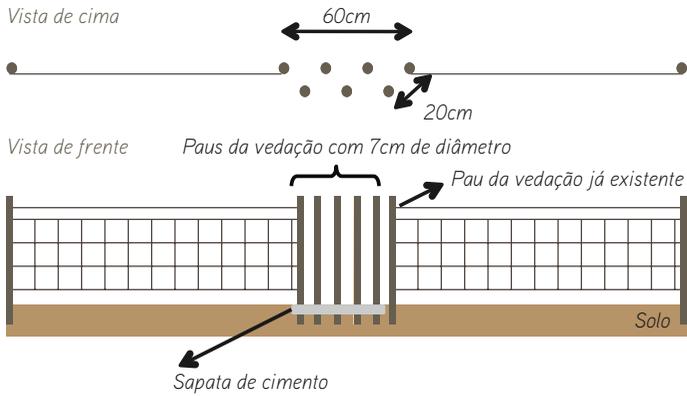
Em locais com gado bovino, recomenda-se a instalação das passagens para a fauna tipo “porta” nos pontos de reforço, com as dimensões de 1m de comprimento por 30cm de altura. Sugere-se que se reforce a vedação com um pau horizontal no topo da passagem e que se mantenha o fio de arame inferior, para garantir a estabilidade da vedação.

Em locais com gado ovino, recomenda-se a instalação de passagens tipo “paus desencontrados”, com as dimensões de 60cm de comprimento total e com paus verticais distanciados 20cm entre si, ou tipo “porta reduzida”, com as dimensões de 30cm de comprimento por 20cm de altura.

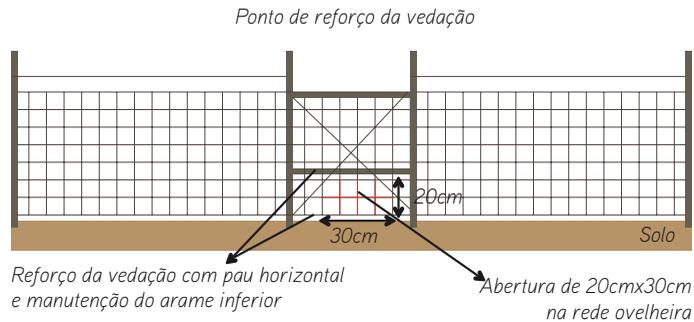


Abetarda a utilizar uma passagem para fauna do tipo “porta”.

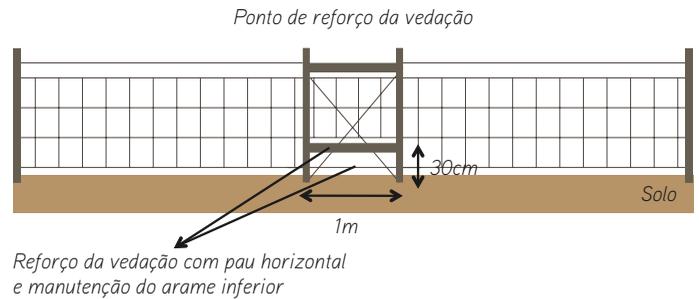
Passagem inferior para a fauna em vedações com rede ovelheira:
 “Paus desencontrados” (ovinos)



Passagem inferior para a fauna em vedações com rede ovelheira:
 “Porta reduzida” (ovinos)



Passagem inferior para a fauna em vedações com rede ovelheira:
 “Porta” (bovinos)





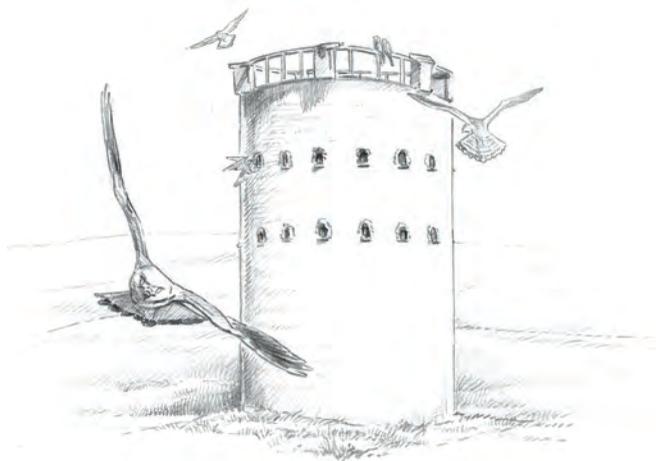
Os Peneireiros-das-torres e os Rolieiros nidificam em cavidades de estruturas construídas pelo Homem (casas antigas, castelos, igrejas, etc.), formando colónias que variam entre 2 e 100 casais. Uma das principais ameaças é, assim, a diminuição de locais de nidificação associada à obstrução ou destruição de cavidades durante remodelações e demolições dos edifícios ou derrocadas de montes antigos.

Algumas das medidas para ajudar a preservar espécies como o Peneireiro-das-torres que nidificam em cavidades são:

I. Tente não obstruir as cavidades e orifícios que funcionam como ninhos.

II. Evite a perturbação junto das colónias durante a época de nidificação (março a junho).

III. Se fizer controlo de ratos e de ratazanas, opte por métodos que não recorram ao uso de pesticidas. Desta forma, evita-se o risco de envenenamento em Peneireiros que possam caçar e alimentar-se destes roedores.



Torre de nidificação para Peneireiro-das-torres.

IV. Os animais domésticos, nomeadamente gatos, podem preda os ninhos ou juvenis que caíam dos ninhos, pelo que se **deve evitar a sua presença junto às colónias** durante a época de reprodução.

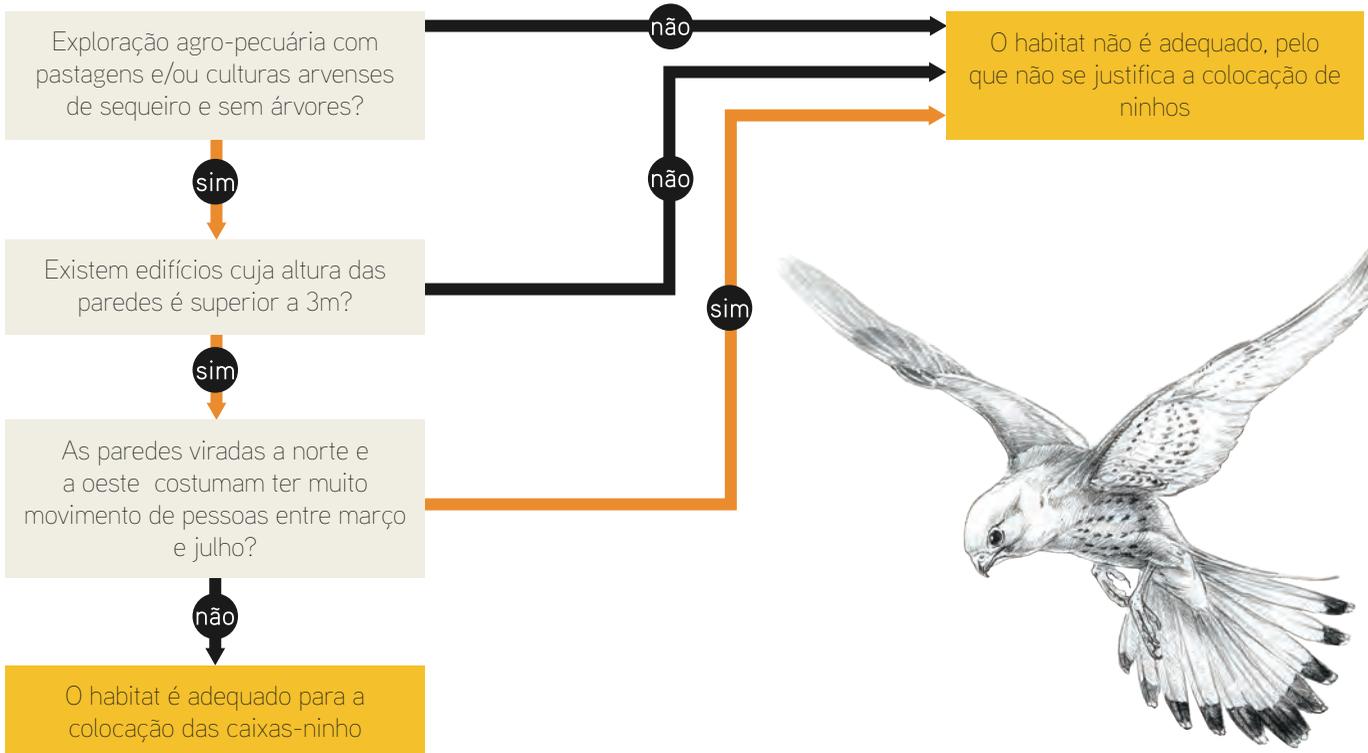
V. Caso pretenda efetuar obras em edifícios com ninhos (tanto habitações como barracões agrícolas), **evite efetuá-las durante a época de reprodução (março a julho)**, aproveitando para efetuar as obras durante o período em que as aves estão ausentes (entre agosto e fevereiro), e **evite destruir os locais de nidificação já existentes**. Se necessário, poderá disponibilizar novos locais alternativos, através de **caixas-ninho ou construção de paredes ou torres de nidificação** específicas para a reprodução destas aves.



Cria de Peneireiro-das-torres numa cavidade artificial de uma parede de nidificação.



Chave de decisão para a colocação de ninhos para o Peneireiro-das-torres





VI. Caso pretenda colocar caixas-ninho, deverá seguir algumas medidas para maximizar a sua eficácia, nomeadamente:

a) Deverão ser colocadas em **edifícios próximos de áreas agrícolas com culturas arvenses de sequeiro ou pastagens;**

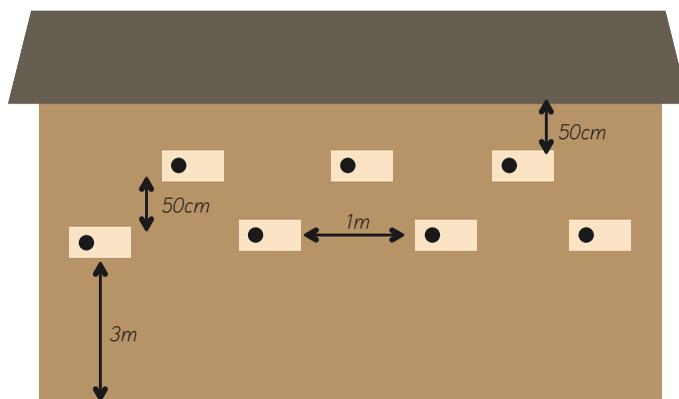
b) Deve-se optar por **paredes viradas a norte ou a oeste**, para que não haja muita exposição ao sol durante o dia, evitando-se o aquecimento excessivo dentro dos ninhos;

c) Recomenda-se a colocação em **zonas mais reservadas e com reduzido movimento de pessoas ou veículos;**

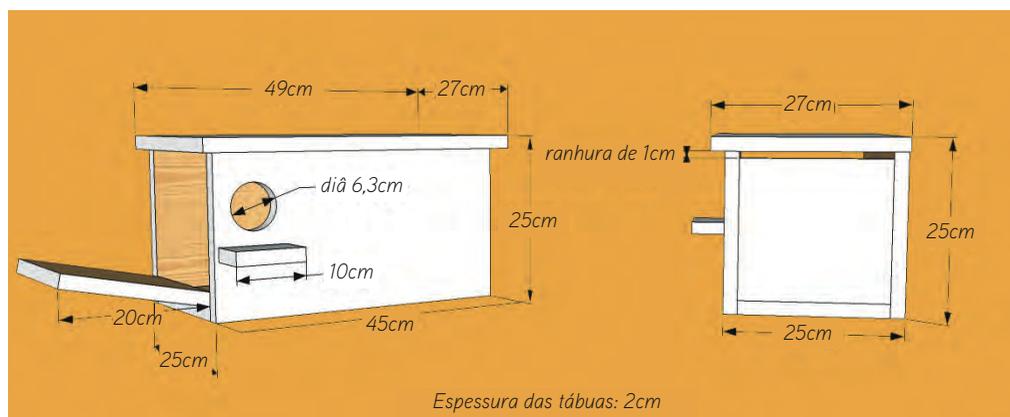
d) É preferível a **colocação em paredes verticais lisas**, de modo a impossibilitar o acesso a predadores selvagens ou domésticos, como cobras, leirões ou gatos;

e) Deverão ser **fixadas acima de 3 metros do solo e a 50 cm abaixo do topo da parede**, para dificultar o acesso a predadores. **A distância entre cada caixa-ninho deve ser de aproximadamente 1m**, para reduzir a interação entre aves vizinhas;

f) As caixas-ninho devem ter uma dimensão de aproximadamente **45cm de comprimento por 25 cm de largura e 25cm de altura**. **A abertura de entrada do ninho deve ter apenas 6,3cm de diâmetro**, para evitar a predação e ocupação por outras espécies. Devem ter uma ranhura de 1cm em cada topo lateral de modo a facilitar a ventilação;



Detalhes de colocação de caixas-ninho em estruturas existentes.



Caixa-ninho para Peneireiro-das-torres e respetivas dimensões.



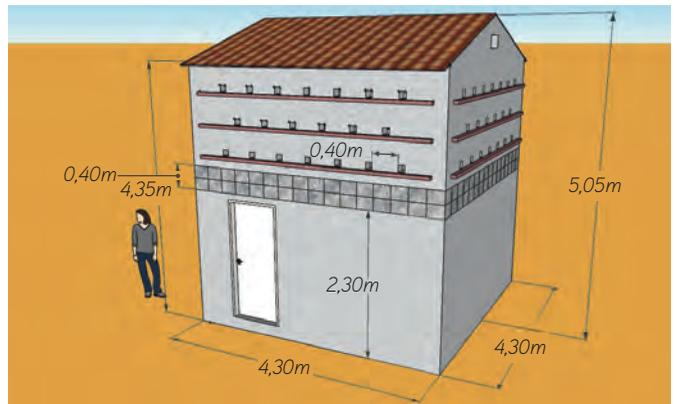
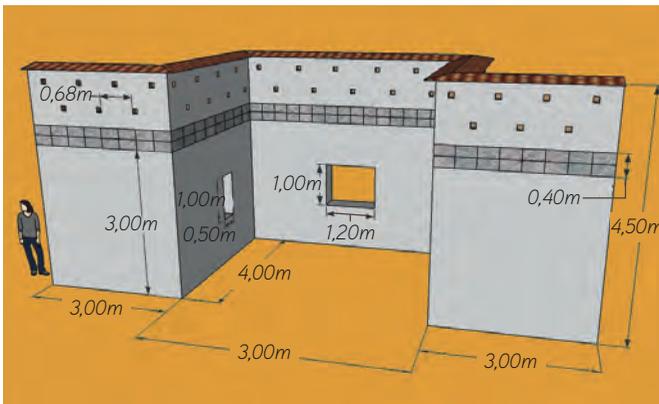
g) As caixas ninho devem ser colocadas com uma **fixação forte** adequada ao tipo de parede de suporte e com capacidade de sustentar no mínimo o dobro do peso da caixa, de modo a ficar bem fixa e sem sofrer oscilações.

VII. Caso pretenda construir uma torre ou parede de nidificação:

a) Deverá pedir o licenciamento junto da respetiva Câmara Municipal;

b) A LPN dispõe de projetos de arquitetura tanto para torres (os ninhos são caixas-ninho interiores) como para paredes de nidificação (os ninhos são em taipa), que poderão ser disponibilizados para servirem de referência para a construção;

c) Se for aderente às medidas agroambientais poderá haver possibilidade de apoio financeiro no Programa de Desenvolvimento Rural.



Fotografias e modelos de Parede e Torre de Nidificação para Peneireiro-das-torres e respetivas dimensões.

Nas estepes cerealíferas, a gestão agro-pecuária já inclui práticas que podem ser maximizadas para abranger as necessidades de espécies como a Abetarda.

A compatibilização das medidas agrícolas com as necessidades de abeberamento das aves estepárias pode ser potenciada de diversas formas:

I. Os pegos e nascentes em linhas de água são os pontos de abeberamento preferenciais para as aves estepárias. Como são locais com maior profundidade nas ribeiras e mantêm água durante o verão, as aves estão já habituadas à sua existência e a sua conformação natural confere alguma segurança a espécies especialmente sensíveis à perturbação, como é o caso da Abetarda.

a) Para que estes locais mantenham água em boa condição ao longo de todo o verão, é importante **evitar o acesso do gado para abeberamento direto**, sendo aconselhável a colocação de bebedouros para o gado;

b) Nos locais com nascente **pode aprofundar-se ligeiramente o local**, escavando de forma a criar uma pequena poça, com 1 a 2 metros de diâmetro, que permita acumulação de água por afloramento.



As aves estepárias preferem beber em pegos e nascentes de linhas de água.

II. As charcas, açudes e pequenas barragens têm características seminaturais que se adequam ao abeberamento pelas aves estepárias, sobretudo se não tiverem vedações nas suas margens. Estes locais possuem uma conformação relativamente

natural, evitando-se a necessidade de adaptação das aves a uma estrutura de aspeto “artificial”. Contudo, a inexistência de vedações pode provocar problemas de qualidade da água, sobretudo em explorações com gado bovino. Caso se opte pela colocação de vedações, nomeadamente de rede ovelheira, estas deverão ter passagens para a fauna (ver capítulo “Vedações”), pois espécies como a Abetarda acedem a estes locais caminhando.

a) Para que as charcas sejam mais adequadas para o abeberamento por aves estepárias é importante que tenham **pelo menos 20% de margem sem vegetação e que o acesso a esta não seja excessivamente inclinado**. Na construção de uma nova barragem, deve garantir que **pelo menos uma das margens seja o mais suave (plana) possível**, para facilitar o acesso às aves e não inibir a sua aproximação à água;

b) Nas barragens ou charcas vedadas, **o perímetro da vedação deve ser suficientemente largo do lado em que o declive seja mais suave**, para permitir o acesso das aves que se desloquem através de voo com um menor risco de colisão;

c) Para que mantenham água no período mais seco, é conveniente **efetuar uma limpeza de sedimentos para evitar a sua colmatação** (em média, uma limpeza em cada 7 anos, consoante a dimensão e bacia hidrográfica).



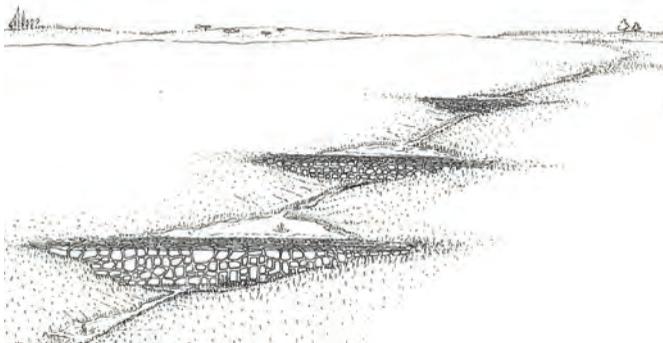
As charcas, açudes e pequenas barragens sem vedações nas suas margens têm características adequadas ao abeberamento pelas aves estepárias.



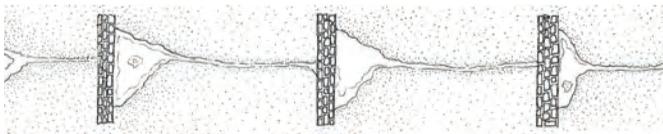
III. Os pontos de abeberamento devem ser distribuídos **homogeneamente pela área**, para evitar uma grande concentração de bebedouros num local e ausência em outras áreas. Deve assegurar-se uma boa rede de pontos de água acessíveis aos animais selvagens (pelo menos um em cada 100ha, contabilizando todos os locais disponíveis), em particular nos períodos secos.

IV. A **instalação de pequenos muretes de pedra** nas linhas de escorrência de água permite reduzir a velocidade de escorrência da água, aumentando a sua taxa de infiltração no solo e a permanência de pequenas poças de água. Como se prolonga o período de encharcamento do solo, estes locais irão manter vegetação verde por um período mais longo, maximizando também as espécies de insectos, podendo funcionar também como pontos de alimentação das aves estepárias.

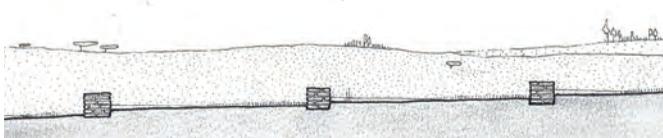
Vista de frente



Vista de cima

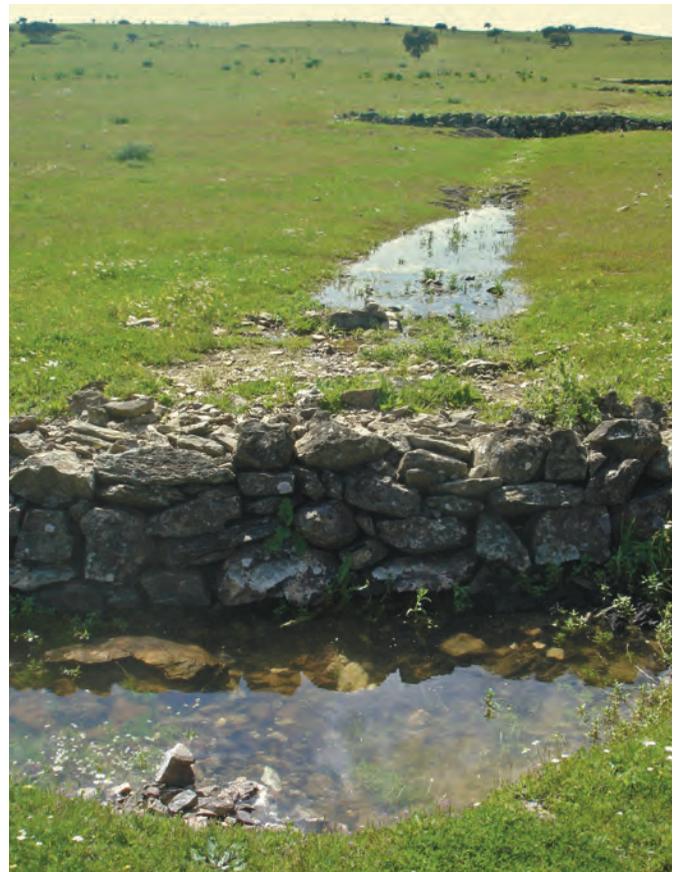


Vista de lado



Esquema da instalação de pequenos muretes de pedra nas linhas de escorrência.

V. Os bebedouros para gado (masserões) podem também ser importantes pontos de abeberamento para as aves (ver ilustrações na página seguinte). Contudo, se forem muito elevados as aves não conseguirão utilizá-los. Para que possam ser utilizados pelas aves deverá existir **uma estrutura quase ao nível do solo, com uma altura máxima até 25cm do solo**, que pode até encher-se por efeito cascata com origem no masserão (no entanto, para evitar desperdícios de água, o ideal é possuírem um mecanismo de regulação do nível da água). Se estes locais ficarem **junto a poços** aumentar-se-á a probabilidade de utilização pelas aves, pois são locais que naturalmente têm água e aos quais as aves já estão acostumadas.



Exemplo da aplicação de pequenos muretes de pedra.

VI. Poderão também instalar-se **bebedouros específicos para as aves selvagens**, à semelhança do que muitas zonas de caça já efetuam. Contudo, para que estes estejam acessíveis para a Abetarda, é importante que não tenham nenhuma vedação em seu redor.

a) Em explorações com gado aconselha-se a utilização de **reservatórios do tipo “manilha”** feitos em betão e rodeados por um marouço de pedras, que são resistentes nomeadamente ao gado bovino. Estes reservatórios têm uma boa capacidade para a água (110 litros), o que evita a perturbação excessiva dos reabastecimentos. Além disso, a água mantém-se fresca e com qualidade por um longo período de tempo. A gamela para disponibilizar a água à fauna deve ser também de cimento, da tipologia já utilizada por gestores cinegéticos, e que permite controlar o gasto da água através de uma bóia, evitando desperdícios e dificultando o abeberamento pelo gado;

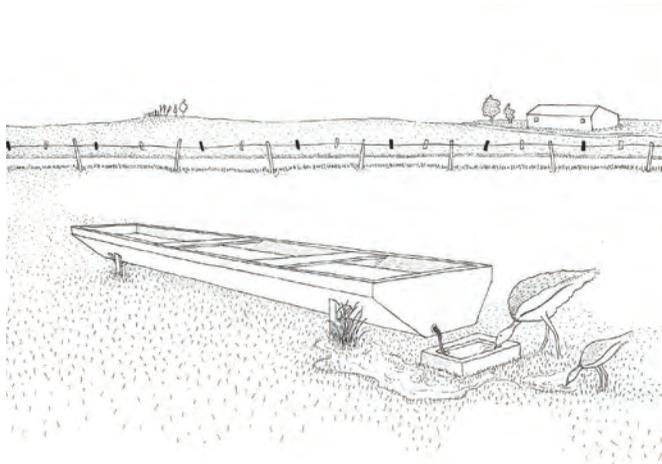


Gamela para disponibilizar água à fauna, com bóia que evita desperdícios.

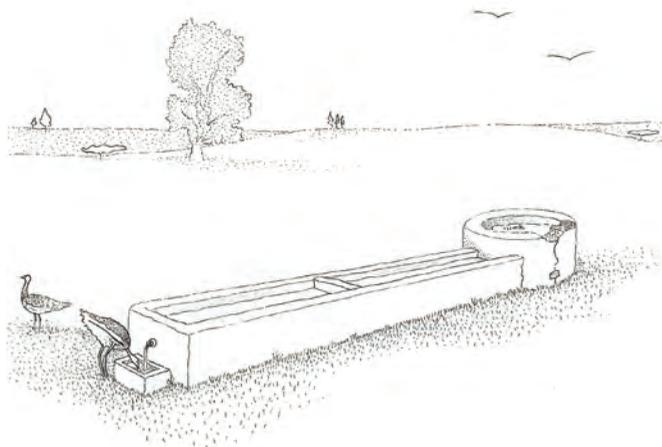


Reservatório do tipo manilha.

b) Os bebedouros podem ser colocados próximo de locais onde exista água em condições naturais (ribeiras, barrancos, etc.), idealmente com alguma sombra, e onde os animais já estejam habituados a procurá-la, uma vez que estes bebedouros constituem uma forma alternativa de disponibilizar água em períodos de seca.



Os masseirões também podem ser pontos importantes de abeberamento para as aves estepárias.



A probabilidade de utilização dos pontos de abeberamento adicionais aumenta se estiverem junto de poços, locais que costumam ter água naturalmente e aos quais as aves já estão acostumadas.

A colisão com linhas elétricas, com vedações de estacionamento de gado e com máquinas agrícolas durante as ceifas, a eletrocussão e a queda de crias dos ninhos (no caso do Peneireiro-das-torres), são algumas das causas de mortalidade de aves estepárias. A sua minimização passa pela tentativa de resgate de aves feridas e/ou debilitadas, a sua recuperação e posterior devolução à natureza.

Qualquer animal selvagem encontrado ferido ou debilitado deverá ser imediatamente encaminhado para o centro de recuperação de fauna selvagem mais próximo, mediante contato com as autoridades competentes (Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) e Serviço de Proteção da Natureza e Ambiente da GNR (SEPNA)) ou, em alternativa, com o apoio da LPN.

COMO PROCEDER SE DETETAR UM ANIMAL SELVAGEM FERIDO:

- a. Evitar ao máximo perturbá-lo, minimizando o barulho, tempo de manipulação e contato com as pessoas;
- b. Entrar de imediato em contato com as entidades competentes (SEPNA ou ICNF) e seguir as indicações dadas por estas;
- c. Caso seja necessário efetuar a sua contenção, deve usar uma toalha ou pano para cobrir a cabeça do animal (evita estímulos visuais, acalmando-o) e colocá-lo numa caixa de cartão adequada ao seu tamanho, com pequenos furos para que possa respirar, tendo muita atenção ao bico e às garras para não ser magoado. Este procedimento requer alguma experiência e conhecimento para ser efetuado em segurança, pelo que se não se sentir apto deve aguardar pelas entidades competentes;
- d. Não manter o animal em sua posse mais tempo do que o estritamente necessário e apenas prestar os primeiros-socorros se tiver conhecimento para tal.



Cria de Abetarda em recuperação após ter sido colhida por uma máquina agrícola.



Cria de Peneireiro-das-torres colocada numa caixa preparada para o seu transporte para o centro de recuperação de fauna selvagem.





GNR SOS Ambiente: 808 200 520

SEPNA – GNR Geral (Lisboa): 213 217 291/2

SEPNA – GNR (Almodôvar): 961 193 278

SEPNA – GNR (Aljustrel): 961 193 277

SEPNA – GNR (Beja): 961 193 279

SEPNA – GNR (Moura): 961 193 280

ICNF - Parque Natural ou Área Protegida mais próxima:

Parque Natural do Vale do Guadiana (Mértola): 286 610 090

Parque Natural de S. Mamede (Portalegre): 245 909 160

Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina

(Odemira): 283 322 735

LPN – Centro de Educação Ambiental do Vale Gonçalinho

(Castro Verde): 286328309

RIAS - Centro de Recuperação e Investigação de Animais

Selvagens (Olhão): 927659313

A PRESTAÇÃO DE PRIMEIROS SOCORROS EM ANIMAIS SELVAGENS FERIDOS SÓ DEVE SER EFETUADA CASO SE TENHA CONHECIMENTOS PARA TAL!

JUNTOS A PROTEGER AS AVES ESTEPÁRIAS



PROJETO LIFE ESTEPÁRIAS

LPN – Liga para a Protecção da Natureza
Centro de Educação Ambiental do Vale
Gonçalinho

Herdade do Vale Gonçalinho, Apartado 84,
7780-909 Castro Verde

Telefone: 286 328 309 / Fax: 286 328 316

Email: lpn.cea-castroverde@lpn.pt

[www.lifeesteparias.lpn.pt]

Coordenador



Parceiros



distribuição

Financiamento comunitário



LIFE0/NAT/PT824 - Contribuição financeira do Programa LIFE da União Europeia

Co-Financiadores



SOMINCOR
Sociedade Mineira de Neves - Covão, S.A.



Financiamento da REN é uma medida financiada no âmbito do PPDA aprovado pela ERSE